

definição política

Negociação antecede

Heitor Tepedino

Sem um programa econômico definido, não poderia ser mais arriscada a estratégia do Governo de reinício das conversações com o Fundo Monetário Internacional e com os banqueiros credores, que terá seguimento no fim deste mês com a ida do ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, à Washington, após o presidente do Banco Central, Antônio Carlos Lemgruber, ter feito o mesmo trajeto logo após ter sido empossado.

Para o FMI, é altamente importante que as autoridades brasileiras comecem a bater em suas portas sem uma meta devidamente traçada sobre os rumos da economia brasileira, porque eles têm a chance de apresentar suas "sugestões", enquanto o correto seria o novo Governo verificar, cuidadosamente, qual o quadro real da nossa economia e então elaborar um projeto que reflita os compromissos da Nova República, principalmente o capital necessário para o restabelecimento do crescimento econômico.

O presidente Tancredo Neves prometeu a retomada do crescimento, o combate implacável à especulação financeira, tudo indicando que o País iria ingressar em um novo compasso de administração do Estado, e lançou a sua estrondosa sentença de que dívida se paga com dinheiro e não com a fome do povo. Face a esta reviravolta de conceitos e ao fato da oposição assumir o poder esteiada precisamente nos erros dos governos passados, tudo indicava que a Nova República iria elaborar um programa de mudanças, para posteriormente sentar à mesa de negociação com o FMI.

Entretanto, como que visita de cortesia, o presidente do Banco Central estabelece os primeiros contatos sem saber-se, ainda, de qualquer rumo que permita à Nova República cumprir com os seus compromissos populares. Para complementar, agora o ministro da Fazenda irá viajar para Washington, também sem um programa com metas definidas. Este procedimento é desgastante para os brasileiros e para a credibilidade do Brasil, porque o interesse dos banqueiros é por propostas concretas, que indiquem as intenções do novo Governo, ninguém estando com tempo disponível para visitas sem decisões.

Embora sem nenhuma informação oficial, provavelmente a primeira viagem do presidente do BC aos Estados Unidos

levava nas costas um Governo chefiado por Tancredo Neves, e agora o ministro da Fazenda terá de trilhar os mesmos endereços mais sob a tutela do Governo José Sarney. Com isto, as colocações mudam, o que para o FMI e para os banqueiros já irá significar uma primeira falha, já que estão simplesmente aguardando a proposta do Brasil, de um Governo efetivo.

Todos esses erros de ausência de soluções reais, indicam que uma visita do ministro da Fazenda a Washington será totalmente contraproducente em termos de Nova República, porque no momento em que a população brasileira deu quase que a sua unanimidade ao Governo eleito, foi justamente contra esta tutela do FMI e à submissão aos banqueiros internacionais, dentro do princípio de que temos de negociar sem a falência de nossa sociedade.

Dentro deste quadro, o que irá fazer o ministro da Fazenda em Washington, mais precisamente, no FMI? Falou-se que essas negociações seriam divulgadas permanentemente, mas quem está sabendo o que o presidente do Banco Central conversou com os banqueiros e o que o ministro da Fazenda irá conversar com Jacques Larosière?

Provavelmente o ministro da Fazenda está cercado por conselheiros pouco "mineiros", porque irá entrar na jaula dos leões desarmado — sem um programa econômico devidamente firmado pelo pacto social — e tudo que disser e ouvir de Larosière, não sabe se conseguirá o respaldo do Congresso Nacional e da população. Isto sugere que esta viagem fosse adiada, porque o Brasil tem de elaborar o seu programa com inteira soberania e responsabilidade, mesmo aceitando algumas regras básicas dos tratados econômicos usados pelo FMI, mas sem qualquer interferência deste órgão.

Por outro lado, com as notícias que voam para o exterior, sobre o momento difícil no plano econômico pelas definições naturais, oriundas da enfermidade do presidente Tancredo Neves, certamente o Governo brasileiro precisa de mais algum tempo para aparecer no cenário internacional. Os banqueiros têm pavor de bate-papo, são muito ocupados. E no quadro atual, o ministro da Fazenda somente poderá divagar sobre intenções, sobre pretensões, porque acontecendo o pior com o presidente enfermo, certamente que muitas coisas mudarão, dentro do ditado de que cada cabeça uma sentença.